



## POEMAS DA INTIMIDADE DURANTE A PANDEMIA

*Apropriando-se de uma agência de escrita que perpassa a intimidade e o confinamento, cada um dos poemas aqui apresentados versa sobre a contemporânea pandemia de 2020, redimensionando-a pela via inventiva de uma linguagem poética capaz de reconfigurar a temática proposta com as cores particulares de cada cartografia pessoal dos versos abrangidos.*

### A VIDA SEM OS CAFAJESTES DO LEBLON E DO PLANALTO

Mauro Santa Cecília

depois de cinco meses  
pressão alta  
subir e descer escada  
problemas psicológicos  
peixe de restaurante a quilo  
feijão de aprendiz  
horários improváveis  
limpeza da casa no automático  
o ser humano não foi feito  
para não interagir  
nem para enxugar gelo

\*\*\*\*

### O ANDARILHO

Navios navegando entre as estrelas  
acontecimentos cósmicos  
Você me disse que estava sonhando muito  
a união com a mãe  
a totalidade universal  
Nos olhos do sol ou da lua  
sobre a Terra ou no fundo do mar  
a arqueologia do amor  
pois o pior pecado  
é não arriscar nada  
como uma cirurgia  
com um canivete suíço  
no futuro imperfeito

---

\* **Mauro Santa Cecília** é poeta e compositor.

### A LUA VOLTOU

Avelino Romero

Para Aldir Blanc (*in memoriam*)

A lua voltou.  
Só, envolta por um sopro de frio,  
espia serena a noite espessa  
desentranhada na solidão dos dejetos.

Motores raros quebram a sisudez do escuro.

Alguém se move, solitário.  
Como ele, o brilho da lâmpada  
sobre a água da chuva  
que se deixou empoçar num canto qualquer.

No alto, nuvens brancas passeiam  
vagarosas sob o claro da lua.  
Um homem, barba branca, peito vermelho,  
resume o contraste da espreita.

Rio de Janeiro, 03-04 de maio de 2020.

---

\* **Avelino Romero** é pianista e historiador. Professor de História da Música da UNIRIO há 21 anos. Autor de *Música, Sociedade e Política: Alberto Nepomuceno e a República Musical do Rio de Janeiro* (2007) e de dois livros de poesia: *Flor de Damasco* (2014) e *Eclipse* (2019).

## **AQUI**

Carolina Torres

sentada de olhos fechados  
sinto a conturbação  
a inquietação da mente expande e retrai,  
cessa a cada respiro  
o silêncio do cômodo passa por osmose  
para a superfície de dentro

inspirando devagar e profundamente,  
um ar fresco me renova,  
ao longe sons incessantes  
burburinhos de conversas, assobios de vento  
gritos de vendedores  
e quebrar de ondas

ao exalar, me levanto  
e caminhando sinto a areia quente de meio-dia,  
o primeiro contato com o gelado das águas  
faz querer voltar, mas o vento empurra,  
as ondas puxam  
o corpo vai

cada imersão  
abranda o sol,  
a solidão, o medo,  
o caos interior e exterior,  
emergindo uma paz intensa  
capaz de envolver todo o corpo,  
o quarto, os vizinhos e o mundo num abraço  
salgado e fresco

é muito breve  
abro os olhos e me percebo enxuta  
faz tempo que meus mergulhos  
são apenas os solitários e quentes do banheiro

apesar de seco e estático  
submergir no azul de meu tapete de yoga  
tem causado calma, ainda que efêmera,  
às agitadas marés da alma

a casa parece o mar

---

\* **Carolina Torres** é graduanda em jornalismo na UFRJ e apaixonada por escrita criativa, artes e ciências humanas.

## **DISTOPIA**

Daniel Mendes

Permanecemos  
barros

mas agora com máscaras estilosas  
protegendo nossos lábios mediados  
com medo de sermos cancelados  
nesta pandemia de falas raivosas.

Seguimos  
burros

mas agora com telefones inteligentes  
que nos fazem esquecer as mortalidades  
dos vírus em nossas mentes  
mas não da foto que não teve *likes*.

Continuamos  
bárbaros

mas agora com perfis no *Insta*  
gravando as *lives* que nos finda  
lutando pela subida das visualizações  
antes de descerem conosco nos caixões.

---

\* **Daniel Mendes** é baiano, 35 anos, natural de Simões Filho. É jornalista e mestre em Cultura e Sociedade pela UFBA. Escreve desde os 19 anos. Em 2017 integrou com dois poemas a coletânea *Liberdade: antologia poética* (Cogito Editora) que reuniu textos de 100 poetas baianos contemporâneos.

## **20 ANOS ou APOCALIPSE**

Thaiani R. Wagner

naquela noite eu lia poesia de uma  
portuguesa  
tão carioca quanto  
sua tia-avó  
enquanto você – silencioso, bocejador  
e preocupado provavelmente  
com o mesmo tipo de coisa que eu  
batalhava sete ramos de alguma planta rara  
para fazer poção.  
nunca entendi muito bem  
depois de adulta  
o desligamento leve  
dos videogames  
eu só funcionei pulando em cogumelos  
aos oito anos  
na casa da vizinha rica.

minhas mãos são desajeitadas  
quando se trata de coordenar muitos sentidos  
nasci e fiquei bicho.  
meu cérebro se exercita  
como um adolescente no colegial:  
há veias  
suor

passadas em falso  
um grito vigoroso  
(que não é o meu)  
e pra cada golpe na bola dura e pesada  
uma vaia vem pronta  
o adorno da sutileza não é para adolescentes  
ou mãos sem cérebro.

umas semanas atrás  
você me viu  
separando 4gr de fermento  
para assar o pão  
e ficou desconcertado.  
eu vi um leve calor cobrir o seu rosto já carregado  
antes  
pela dificuldade de terminar as frases ao chegar da rua  
– sacolas meio cheias, máscara no rosto, vestimenta especial –  
eram tempos estranhos.  
em cada esquina  
tinha um velho  
sibilando palavras contidas  
sobre o período de ouro.

eu quis te contar que  
na sabatina das mãos  
a preferência sempre foi pela varinha mais firme:  
dizem que a terapia da água na farinha é milenar  
– eu também digo.  
se você aperta botões e deixa de pensar  
por um átimo que seja  
na propagação do vírus pelo ar  
e  
na avalanche da terra vermelha sobre o torso frio  
eu meço pelo clac das articulações contra  
a massa  
(essa: quente)  
cada suspiro longo  
que vou poder desacanhhar  
no arremate  
disso tudo  
– brasil. mundo. muro. ou mato.

---

\* **Thaiani Wagner** (Guarani das Missões, 1990) é pesquisadora, mestra e doutoranda em Filosofia pela UFRGS. Trabalha com filosofia antiga e ética e, paralelamente, com feminismo e as relações entre literatura e filosofia. Desde o ano passado vem organizando seu primeiro livro de poesia.

## DOMINGO

Fernanda Marçolla

Pela janela entrava o barulho das carroças truculentas  
rangendo sobre os velhos sulcos da América Latina  
enquanto, em casa, inventávamos uma língua só nossa  
Sob os uivos dos lobos ciosos, serenamente nós  
cotejávamos os sinônimos, atentávamos aos acordos  
e preferíamos os neologismos aos erros de tradução

Lá fora, pressentíamos, reprisavam aquela mesma película embolorada  
aquele mesmo quadro remendado de estética vulgar  
e nós aqui dentro, cultivando os punhados de terra  
que caíam dos nossos pés recém-nascidos do jardim

juntando-os em vasos, replantando as mudas  
para que se pusessem a falar nesses novos fonemas

O cheiro de pólvora se alastrou ainda por toda a madrugada,  
mas a nós, só restava contar a história desse novo continente  
que se formou entre as nossas coxas entrelaçadas.

---

\* **Fernanda Marçolla** é professora e tradutora de francês. Em 2019, lançou a sua primeira tradução, *Feminismo*, de Nora Bouazzouni, pela Quintal Edições. Em um certo ponto do caminho, enveredou pelas tramas das palavras através de contos, crônicas, poesias e roteiros.

### ÀS SEIS DA MANHÃ

Lorena Martins

Às seis da manhã eu tenho medo  
é sempre neste horário  
dos meus olhos entreabrirem  
o sonho e a manhã que invade  
o sono  
que sinto um medo essencial  
medo do vírus  
medo de que meus filhos caiam  
de uma escada  
escapem da calçada  
medo do mundo  
terrível, uma cratera a engolir tudo  
as florestas, os índios, as mães  
quando o dia assenta  
o medo se esvai  
para que eu faça o café  
para que eu tome o café  
para que eu lamba a pele das minhas crias  
leia poesia, compre ovos  
olhe com alguma firmeza  
as árvores que sobrevivem através da janela  
o medo me liberta  
para que eu veja a noite  
afunde a noite entre os meus dedos, alimente  
as camas de estrelas  
durma meu sono preocupado  
pesado  
para que ele volte pontual  
afiado como as trevas  
para o meu corpo ainda quente e a madrugada  
que me abandona

---

\* **Lorena Martins** nasceu em Dom Pedrito-RS (1982) e cresceu em Porto Alegre, onde se graduou em Letras pela UFRGS. É autora dos livros de poemas *Água para viagem* (2011), finalista do Prêmio Açorianos de Literatura, e *Corpo continente* (2019), ambos editados pela 7Letras. É pós-graduada em Gestão e Políticas Culturais pela Universidade de Girona/Unesco. Atualmente vive na Estônia.

### DE RISCO

Neire Lopes

Somos, fomos, seremos  
Grupo de risco...  
Nem sempre grupo  
Isoladamente um grupo  
Muitas e muitas vezes só.

Sol  
A  
Mente...  
Solamente um grupo de risco no risco.  
Só.  
Tantos riscos  
Risco de viver  
Risco de resistir  
Risco de insistir  
Risco de existir  
Somos um risco.  
No tempo...  
Tempo de risco  
Risco no tempo.

Ah, o tempo...

O tempo para ouvir, tempo para falar, para olhar  
O tempo...  
A escuta  
A fala.  
O olhar  
Tempo suspenso,  
Olhar transbordante,  
Falas abafadas,  
Escutas silenciosas,  
Silêncio ruidoso.

---

\* **Neire Lopes** tem 53 anos e é residente em Vila dos Cabanos-Pará. Licenciada em Teatro pela UFPA, técnica em artes dramáticas pela Escola de tecnologia Estadual e professora no colégio Anísio Teixeira- PA.